



METRÓPOLE, METROPOLIZAÇÃO E DINÂMICAS ESPACIAIS CONTEMPORÂNEAS EM MINAS GERAIS

Bianca Gonçalves de Moura Silva

Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais | bimouraaraq@gmail.com

Guilherme André Braga Santos

Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais | guidogui3671@gmail.com

Juliana Luquez

Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais | julianaluquez@gmail.com

Sessão Temática 4: Metropolização do espaço: planejamento, governança e gestão

Resumo: O presente trabalho busca discutir as dinâmicas espaciais em Minas Gerais, com ênfase nos processos de estruturação e reestruturação de regiões urbanas no estado. Propomos dois momentos de análise: o primeiro, apresentado pela identificação dos espaços da metropolização em Minas Gerais, abordando tanto a amplitude quanto a intensidade do processo na sua fase atual, exigindo que se estabeleçam critérios teórico-metodológicos para sua compreensão; o segundo, construído a partir das rupturas e continuidades reveladas pelo movimento socioespacial na metrópole mineira, a partir de Belo Horizonte e do eixo oeste de expansão metropolitana. Conclui-se que o estado de Minas Gerais apresenta um panorama importante na organização do espaço e nos conteúdos da metropolização como determinação da história urbana brasileira recente.

Palavras-chave: metrópole; metropolização; reestruturação; Minas Gerais.

METROPOLIS, METROPOLIZATION AND CONTEMPORARY SPATIAL DYNAMICS IN MINAS GERAIS

Abstract: This paper aims to discuss the spatial dynamics in Minas Gerais, with an emphasis on the processes of structuring and restructuring urban regions in the state. We propose two moments of analysis: the first, presented by the identification of the spaces of metropolitanization in Minas Gerais, addressing both the amplitude and intensity of the process in its current phase, requiring the establishment of theoretical and methodological criteria for its understanding; the second, constructed from the ruptures and continuities revealed by the socio-spatial movement in the Minas Gerais metropolis, starting from Belo Horizonte and the western vector of metropolitan expansion. We conclude that the state of Minas Gerais presents an important panorama in the organization of space and in the contents of metropolitanization as a determination of recent Brazilian urban history.

Keywords: metropolis; metropolization; restructuring; Minas Gerais.

METRÓPOLIS, METROPOLIZACIÓN Y DINÁMICA ESPACIAL CONTEMPORÁNEA EN MINAS GERAIS

Resumen: El presente trabajo busca discutir la dinámica espacial en Minas Gerais, con énfasis en los procesos de estructuración y reestructuración de las regiones urbanas del estado. Proponemos dos momentos de análisis: el primero, presentado por la identificación de los espacios de metropolización en Minas Gerais, abordando tanto la amplitud como la intensidad del proceso en su fase actual, requiriendo el establecimiento de criterios teórico-metodológicos para su comprensión; el segundo, construido a partir de las rupturas y continuidades reveladas por el movimiento socioespacial en la metrópoli de Minas Gerais, a partir de Belo Horizonte y el vector occidental de expansión metropolitana. Se concluye que el estado de Minas Gerais presenta un panorama importante en la organización del espacio y en los contenidos de la metropolización como determinante de la historia urbana brasileña reciente.

Palabras clave: metrópoli; metropolización; reestructuración; Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as questões relativas à produção do espaço e a atualidade da metropolização no contexto das dinâmicas espaciais identificadas em Minas Gerais. A amplitude e a intensidade dos processos socioespaciais contemporâneos exigem que se estabeleçam critérios teórico-metodológicos para seu estudo, análise, classificação e divulgação. O constante movimento de estruturação/reestruturação do espaço coloca no centro do debate o fenômeno urbano como nexos interpretativos das contradições da realização da sociedade. A referência à metrópole e às regiões metropolitanas e urbanas de Minas Gerais se coloca como um quadro auxiliar para a sistematização de uma história do espaço que está longe de ser esgotada, mas que aqui se apresenta como uma interpretação da forma geral da simultaneidade (Lefebvre, 2000). Para encaminharmos a discussão, propomos dois momentos de análise em duas seções complementares.

Na primeira seção¹ será apresentada uma identificação dos espaços da metropolização em Minas Gerais, abordando tanto a amplitude quanto a intensidade do processo na sua fase atual. Essa é uma iniciativa inspirada em Brenner (2018), quando afirma que não só há “morfologias novas e de maior envergadura, que perfuram, atravessam e fazem explodir a antiga divisão entre o urbano e o rural” (Brenner, 2018, p. 263), como também “há iniciativas políticas espacialmente seletivas para criar novas matrizes vinculadas ao investimento de capitais transnacionais e desenvolvimento urbano em vastas zonas de seus territórios” (Brenner, 2018, p. 266).

Após a divulgação dos primeiros dados sobre perfil e dinâmica populacional do Censo 2022 (IBGE, 2023), enquanto Belo Horizonte, em torno da qual se estruturou a terceira mais populosa aglomeração metropolitana do país nos últimos 50 anos, teve destaque na lista das capitais que perderam população, Uberlândia, no Triângulo Mineiro, foi a cidade que mais apresentou crescimento no estado e mantém-se como a segunda maior cidade mineira, desde 2010. O debate público, puxado pelos meios de comunicação interessados na difusão do tema, centrou-se na questão sobre o que explicaria a perda populacional da metrópole mineira. Os “diagnósticos de opinião” foram vários, mas pouco fecundos para um tema que

requer densidade interpretativa, considerando a complexidade dos processos que se entrecruzam. Os demógrafos ouvidos apontaram que este era um quadro já esperado para Belo Horizonte devido ao comportamento populacional em transição. Fatores econômicos também foram apontados como relevantes para analisar a última década, tais como: transformações no regime produtivo; ampliação da economia de serviços; ciclos intensos, porém mais curtos de prosperidade econômica em áreas urbanas; crescente dispersão do tecido urbano; impulso e consolidação de novas centralidades frente à corrida especulativa pela terra; entre outros. Talvez o diagnóstico mais controverso tenha sido o que colocava em dúvida a importância das metrópoles para o novo contexto social brasileiro. Se visto isoladamente, o percentual negativo de incremento populacional de Belo Horizonte (-2,5%) pode dar uma falsa noção de diminuição de sua importância como polo estruturante, dinâmico e difusor de fluxos e redes. No entanto, o conjunto dos dados até agora disponíveis e colocados em perspectiva com a série histórica do Censo Demográfico, aponta para a consolidação de uma tendência no arranjo metropolitano belo-horizontino e uma nova fase na reestruturação do espaço que potencializa o conceito de urbano e de regiões urbanas.

Lencioni (2017) ressalva que:

Assim, enquanto a ideia de metrópole se relaciona à de cidade, a de metropolização se relaciona ao espaço. Quando falamos em metropolização, estamos falando de um processo socioespacial; de um processo que metropoliza espaços inseridos, direta ou indiretamente numa lógica urbana. [...] O processo de metropolização do espaço implica, portanto, um território no qual os fluxos de pessoas, mercadorias e informações são múltiplos, intensos e permanentes. Aí a presença de cidades conurbadas faz parte dessa lógica, bem como a concentração das condições gerais necessárias às particulares condições da reprodução do capital nos dias atuais. (LENCIONI, 2017, p. 202).

As premissas trazidas na citação acima nos permitem avançar a discussão para a segunda seção² que é construída, a partir das rupturas e continuidades reveladas pelo movimento socioespacial da metrópole mineira, a partir do vetor oeste de expansão metropolitana, em uma leitura sobre como as condições gerais de produção realizam o processo de reestruturação em um espaço conformado em uma lógica produtiva que dá ênfase ao arranjo metropolitano, mesmo que as dinâmicas espaciais das atividades produtivas em Minas Gerais não se limitem apenas as áreas metropolitanas.

O Censo 2022 reforçou que o conceito das condições gerais de produção (Lencioni, 2007) e sua relação com o urbano podem ser úteis para compreender o processo de reestruturação na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), posto que o crescimento populacional observado na RMBH foi puxado pelas cidades do vetor oeste, não integralmente, mas predominantemente. O contínuo crescimento do eixo industrial oeste pode estar vinculado com os equipamentos coletivos de consumo relativos aos processos de produção e de circulação (banco, rodovias, ferrovias, redes de comunicação informacional, unidades educacionais e hospitalares, centros de lazer, esportes, cultura etc), o que torna a reestruturação do espaço³ um processo em franca realização no momento presente da

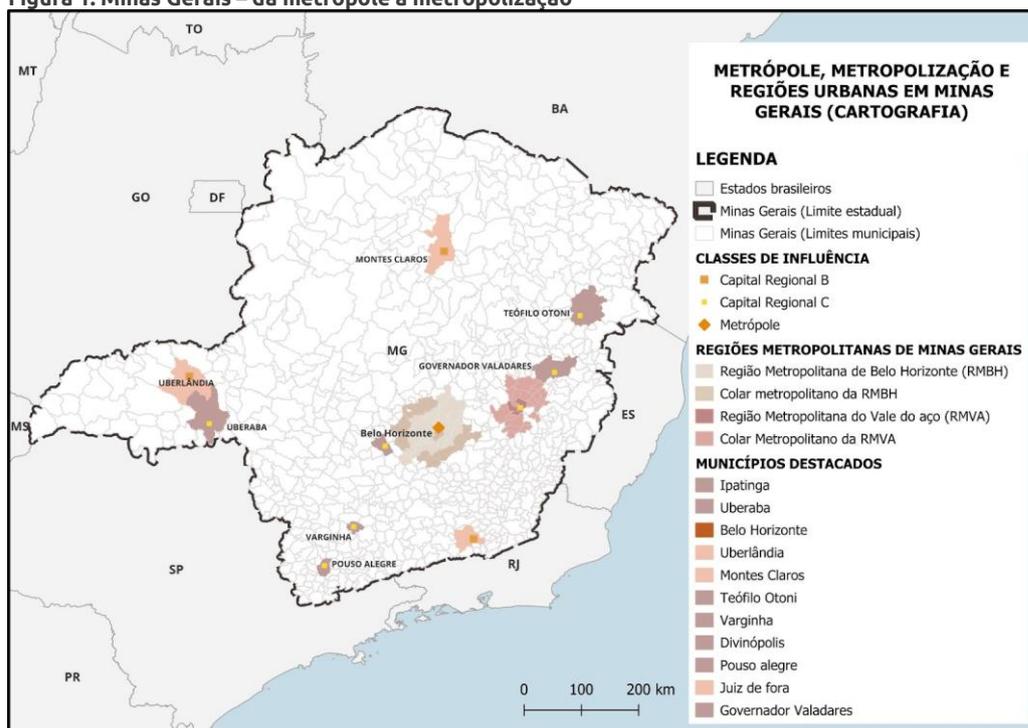
história urbana da RMBH, consolidando tendências e viabilizando a capilaridade de novos conteúdos urbanos na estrutura metropolitana já conformada.

1. OS ESPAÇOS DA METROPOLIZAÇÃO EM MINAS GERAIS

Visando apresentar as dinâmicas do espaço em Minas Gerais, conduzimos o nosso foco para os processos de estruturação e reestruturação das regiões urbanas do estado. Para tanto, propomos uma análise que consiste na identificação dos espaços da metropolização em Minas Gerais, abrangendo tanto a amplitude quanto a intensidade desse processo em sua fase atual, o que requereu uma definição de critérios de análise, os quais estabelecemos: organização institucional do território, evidências de consolidação e novas dinâmicas territoriais e formas espaciais conformadas. O território analisado representa um panorama significativo na organização do espaço e nos aspectos da metropolização contemporânea e, por isso, essa seção se dedica ao processo de metropolização e à complexidade desse fenômeno urbano, buscando identificar e analisar a configuração de formas urbanas que desafiam a concepção tradicional de uma metrópole centralizada.

Inspirados nas pesquisas de Brenner, Soja e Lencioni, o objetivo foi elaborar um raciocínio que integrasse suas contribuições teóricas e metodológicas. A pesquisa de Brenner (2014) forneceu a base para a elaboração dos mapas que nos ajudaram a compreender a forma urbana como uma realidade tangível, destacando a importância da espacialidade nas dinâmicas sociais e econômicas. Soja (2013) foi destacado por ressaltar a relevância das dinâmicas que caracterizam as metrópoles, sejam tais dinâmicas contemporâneas ou tradicionais na construção de um arcabouço complexo sobre a reprodução da vida em regiões urbanas. Com Lencioni (2006) avançamos para uma leitura do território mineiro a partir das dinâmicas de metropolização, identificando as principais regiões urbanas e suas características, as quais nos debruçaremos a seguir para apresentar a compreensão da metropolização no contexto mineiro (Figura 1).

Figura 1: Minas Gerais – da metrópole à metropolização

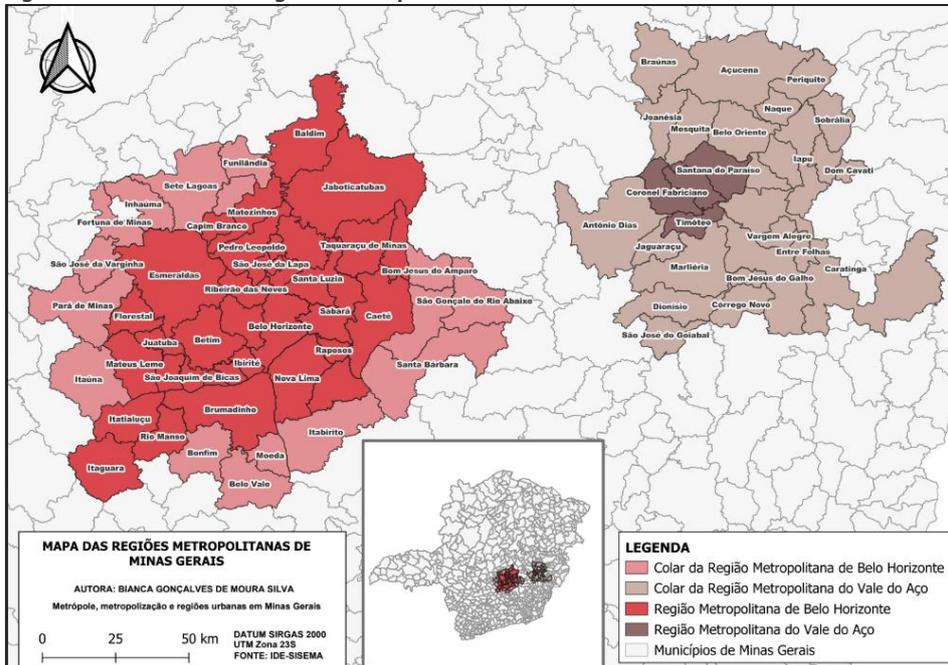


Nota: a cartografia aqui apresentada compõe os esforços de sistematização dos espaços da metropolização mineira, partindo do reconhecimento dos espaços metropolitanos aos espaços metropolizados (2024).
Fonte: os autores.

O conceito de metrópole, especialmente na atual fase de globalização, está diretamente relacionado às determinações econômicas a partir da concentração de serviços e da integração de mercados e territórios. No Brasil, as metrópoles foram concebidas como centros propulsores do desenvolvimento econômico, funcionando como polos irradiadores⁴ cujo efeito se espalha por extensas regiões do país (Lencioni, 2006). Para que essa dinamização ocorresse, foi essencial uma rede eficiente de circulação que possibilitasse o estabelecimento de fluxos entre o polo e sua área de influência. No entanto, conforme a autora, essa dinâmica deixou de ser limitada a um espaço regional restrito e passou a se expandir para um contexto globalizado, onde as metrópoles se conectam por meio de redes complexas e interdependentes. Em Minas Gerais, o desenvolvimento metropolitano, foi consolidado pela centralidade de Belo Horizonte, instituindo sua região metropolitana pela mesma Lei Federal que criou as de São Paulo, Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba, Belém e Fortaleza, em 1973, tornando-as um marco institucional para o planejamento, governança e gestão dos espaços metropolitanos no Brasil urbano-industrial. Mais de duas décadas depois, o estado mineiro lançaria mão de políticas econômicas no estabelecimento de complexos industriais na região do Vale do Aço para instituir outra região metropolitana (Figura 2). Municípios não metropolitanos como Uberlândia, Montes Claros e Juiz de Fora integram uma rede de fluxos econômicos, financeiros, culturais e de comunicação importante para entendermos como o desenvolvimento urbano mineiro, vinculado às redes produtivas global, nacional e regional, fortalece o processo de metropolização do espaço, ou seja,

“metropoliza espaços inseridos, direta ou indiretamente, numa lógica urbana” (Lencioni, 2017, p. 202).

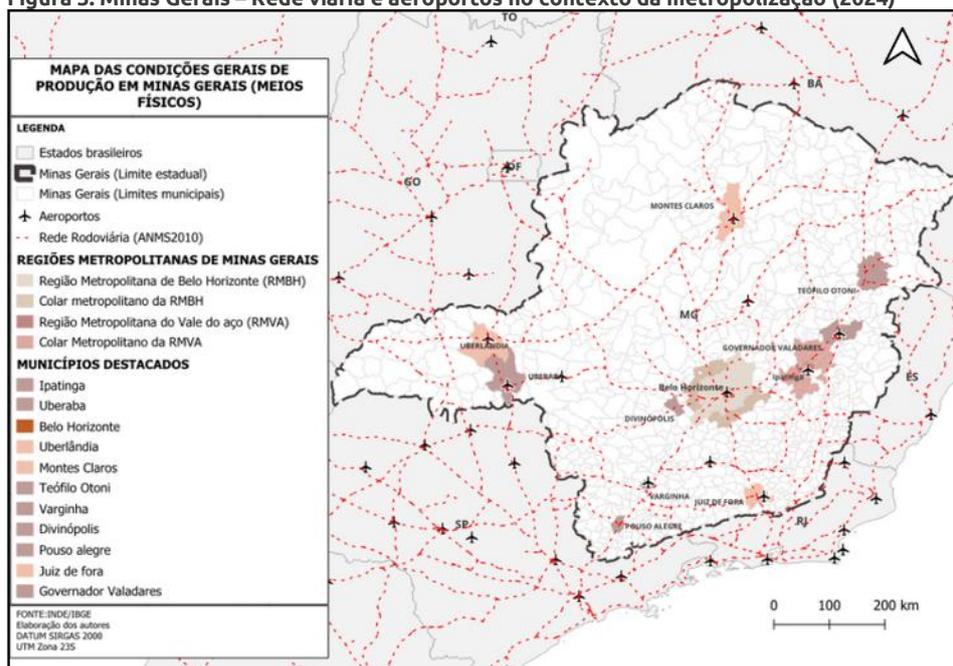
Figura 2: Minas Gerais – Regiões metropolitanas institucionalizadas



Nota: a cartografia aqui apresentada compõe os esforços de sistematização da metropolização mineira com ênfase na instituição de regiões metropolitanas oficiais e seus expedientes político-administrativos no conjunto das atividades produtivas (2024).
Fonte: os autores.

No contexto da metropolização, as áreas metropolitanas emergem como pontos onde se concentram as condições necessárias para a produção, com destaque às indústrias de alta tecnologia e inovação. Todavia, esse fenômeno tende a ultrapassar os limites administrativos e as delimitações institucionais, originando uma forma espacial metropolizada, decorrente da densidade e aglomeração de pessoas, recursos e atividades. São as condições gerais de produção e sua relação com o urbano, como proposta por Lencioni (2007), que aceleram a rotação do capital e consolidam o papel das metrópoles na administração e controle do capital em uma escala ampliada enquanto viabilizam uma centralização geográfica que incluem tanto infraestruturas físicas, como rodovias e aeroportos, quanto imateriais, como redes de telecomunicações, facilitando a união de elementos dispersos, interligando o particular ao geral, o local ao global, o rural ao urbano. Nesse sentido, o território mineiro apresenta as condições gerais de produção que criam as possibilidades para a reprodução do capital, ou seja, um conjunto de áreas sob forte centralização geográfica que são capazes de expressar o urbano desde a concentração até o ponto limite de dispersão e até a homogeneização do espaço pelo processo de metropolização (Figura 3).

Figura 3: Minas Gerais – Rede viária e aeroportos no contexto da metropolização (2024)



Nota: a cartografia aqui apresentada compõe os esforços de sistematização da metropolização mineira a partir da noção de condições gerais de produção (2024).
Fonte: os autores.

Sustentamos que Minas Gerais apresenta dinâmicas socioespaciais que evidenciam a complexidade do processo de metropolização, caracterizada pelas interações entre diferentes espaços urbanos e as diversas atividades econômicas que neles se desenvolvem no âmbito das relações sociais de produção. Belo Horizonte se sobressai como um núcleo essencial nesse processo, proporcionando variedade de serviços e tendo um papel fundamental nas redes de comunicação, inovação e gestão, consolidando a metrópole e sua região na terceira posição das maiores regiões metropolitanas do Brasil (IBGE, 2023). A Região Metropolitana do Vale do Aço, não tem uma metrópole como núcleo de profusão, embora seja Ipatinga a principal cidade da região, mas demonstra como o desenvolvimento urbano em Minas Gerais está fortemente capilarizado no território como produto e condição das atividades produtivas, nesse caso, a indústria siderúrgica de transformação.

Montes Claros, no Norte do estado, e Uberlândia, no Triângulo Mineiro, emergiram como núcleos regionais que contribuem para a descentralização e diversificação econômica em Minas Gerais. O caso de Uberlândia, a segunda maior cidade do estado, é ainda mais emblemático, pois desempenha um papel de destaque no setor agroindustrial, juntamente com Uberaba e os espaços produtivos desse mesmo setor em Goiás e São Paulo. No Censo 2022, Uberlândia figurou como o município que mais cresceu demograficamente em Minas Gerais (IBGE, 2023), reforçando a compreensão que o desenvolvimento urbano na sua região de influência está vinculado ao arranjo produtivo agroexportador, que vem conformar não mais um núcleo urbano, mas regiões urbanas com forte apelo à inovação.

Juiz de Fora, na Zona da Mata Mineira, estabelece influência em áreas vizinhas (IBGE, 2020), como o Arranjo Populacional de Além Paraíba (MG) e Sapucaia (RJ), o Arranjo Populacional de

Ubá (MG) e o município de Muriaé (MG). Contudo, o destaque de Juiz de Fora está na sua inserção à delimitação da Megarregião Rio de Janeiro-São Paulo, proposta por Lencioni (2015), no que seria a maior unidade territorial urbana do país. Juiz de Fora, que possui localização estratégica nos acessos ao eixo Rio-São Paulo, se conecta aos fluxos econômicos e urbanos da megarregião, destacando como as formas urbanas da metropolização realizam a homogeneização e a diferenciação no desenvolvimento geográfico desigual.

A configuração do território mineiro mostra que é imprescindível entender as interações urbano-regionais, uma vez que a partir delas podemos reconhecer padrões de crescimento urbano e desenvolvimento econômico, pois destacam um fenômeno urbano que questiona a unicidade da metropolização limitada à forma da metrópole moderna. As áreas metropolitanas eram marcadas por possuir um ou alguns poucos centros urbanos claramente estabelecidos. Contudo, no cenário atual, as cidades-regiões estão se convertendo progressivamente em aglomerações policêntricas ou com vários centros urbanos (Agnew *et al*, 2001), o que não significa que tenhamos nomenclaturas e políticas institucionais para as diferentes configurações espaciais no âmbito do planejamento urbano-regional, mas avançar para a compreensão de que atual fase da história urbana brasileira se constitui de regiões urbanas complexas, homogêneas e diferenciais se coloca como um desafio e uma urgência.

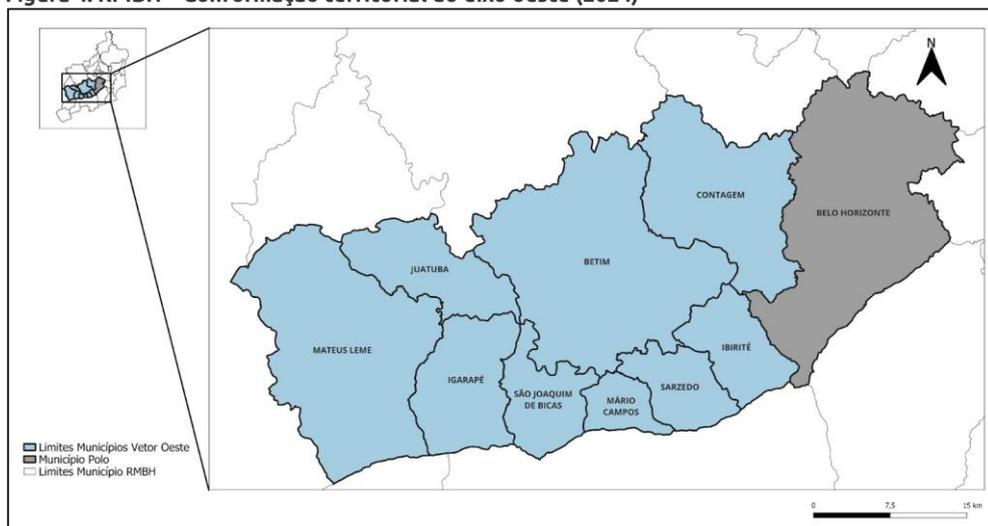
Nesta seção, argumentamos que a metropolização em Minas Gerais traduz a crescente complexificação e diversificação territorial que confronta as estruturas tradicionais de organização urbana. Buscamos reforçar que as dinâmicas territoriais no estado se combinam com fatores locais, regionais e globais que resultam em diferentes (e complementares) formas urbanas. A metrópole Belo Horizonte, incontestavelmente, consolidou-se como um dos principais núcleos urbano-metropolitanos brasileiros, mas é importante debruçar-se sobre os outros espaços da metropolização em Minas Gerais, que podem apontar para uma conformação espacial multiescalar, policêntrica e desigual no Brasil contemporâneo, considerando as transformações sociais, econômicas e políticas que deram sobriedade à metrópole e não demonstram qualquer limitação à constituição de novas regiões urbanas.

2. METROPOLIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO: UMA ANÁLISE DAS DINÂMICAS ESPACIAIS NO EIXO OESTE DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

Propomos nesta seção aprofundar a discussão sobre a relação das condições gerais de produção com o urbano no contexto da metropolização em Minas Gerais. Para tanto, anunciamos a hipótese de que está em curso uma reestruturação do espaço operada por uma lógica produtiva que dá ênfase ao arranjo metropolitano mineiro, mesmo que as dinâmicas espaciais das atividades produtivas em Minas Gerais não se limitem apenas as áreas metropolitanas, como evidenciado anteriormente. Essa discussão se impõe em nossa investigação quando nos atentamos para as dinâmicas demográficas na Região

Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Buscávamos consolidar o estudo da estruturação da RMBH, quando o Censo 2022 (IBGE, 2023) trouxe números que jogaram luz nos municípios metropolitanos do eixo oeste (Figura 4), aquele que constava na literatura como o eixo consolidado da expansão metropolitana vinculado ao processo de industrialização da região.

Figura 4: RMBH – Conformação territorial do eixo oeste (2024)



Fonte: os autores.

Ao começarmos os estudos sobre a estruturação da RMBH e os movimentos socioespaciais possíveis de serem capturados na atualidade, recorreremos aos documentos dos órgãos de planejamento da administração pública estadual que continham a origem de sua formação e os dados dos municípios pertencentes à unidade regional. Com os registros disponibilizados pelo órgão de Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PLAMBEL), autarquia estadual responsável pelo planejamento integrado, pela elaboração de diagnósticos e planos técnicos, entre 1974 e 1996, foi possível uma primeira formulação histórica da metrópole e sua região diante de intenções, parâmetros e atributos institucionais. Ao analisarmos a série histórica dos dados censitários para um entendimento das características e tendências regionais, identificamos indícios dessa possível reestruturação do espaço no eixo oeste da RMBH, com destaque para a constatação de que dos dez municípios metropolitanos que mais apresentaram crescimento, cinco estão no vetor oeste e dois fazem limites com estes (Tabela 1). Iniciamos um exercício de geração de imagens de satélite dos municípios em destaque ao longo dos últimos anos para encontrar mais evidência de transformação dessas espacialidades. Paralelamente, foi realizada uma busca, por meio de ferramenta digital, sobre os tipos de empreendimentos que estariam sendo abertos ou se concentrando no eixo oeste, podendo este movimento, apontar para novas dinâmicas espaciais e econômicas na região⁵. Esse procedimento indicou novos atributos no eixo oeste da RMBH que serão detalhados a seguir.

Tabela 1: RMBH – População dos municípios metropolitanos que mais apresentaram crescimento populacional

Municípios	Comparação, taxa de crescimento anual e incremento percentual			
	2010	2022	Tx. Cresc. aa	% incremento
Lagoa Santa	52.520	75.145	3,03	43,1%
Sarzedo	25.814	36.844	3,01	42,7%
Esmeraldas	60.271	85.594	2,97	42,0%
Juatuba	22.202	30.716	2,74	38,3%
Nova Lima	80.998	111.697	2,71	37,9%
Mateus Leme	27.856	37.841	2,59	35,8%
São Joaquim de Bicas	25.537	34.348	2,50	34,5%
Igarapé	34.851	45.847	2,31	31,0%
São José da Lapa	19.799	26.015	2,30	31,4%
Itatiaiuçu	9.928	12.966	2,25	30,6%

Nota: os dados mostram que entre 2010 e 2022, a RMBH ganhou 243.724 pessoas, um incremento de 5% durante todo o período, com um crescimento anual médio de 0,41%, sendo a média do crescimento demográfico do país de 0,5% ao ano.

Fonte: IBGE (2023). Elaboração dos autores.

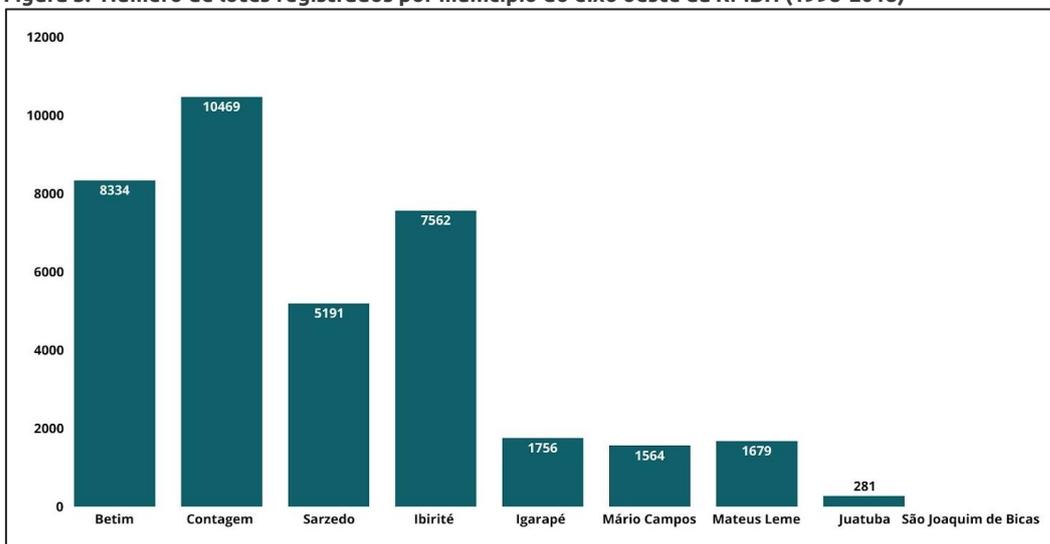
Os estudos sobre o conceito de condições gerais de produção com base em Lencioni (2007), encontrou ainda mais sentido quando recorremos ao trabalho de Lages (2020) sobre os atributos dos loteamentos implementados e o parcelamento do solo no eixo oeste da RMBH. Lencioni (2007) afirma que “são as condições gerais de produção que articulam o consumo produtivo (consumo coletivo) ao processo de produção e circulação do capital”. Essas condições são chamadas de gerais porque tornam possível produzir não apenas um capital em particular, mas integram um quadro específico à reprodução total. É importante também destacar, conforme Lencioni (2007), que as condições gerais de produção podem ser divididas em dois conjuntos: (a) os meios de circulação que possuem relação direta com o processo de produção (bancos; redes de circulação material, como rodovias, ferrovias, hidrovias, oleodutos; redes de circulação imaterial, como telecomunicações e informáticas) e (b) os meios de consumo coletivo que possuem relação indireta com o processo de produção (escolas, hospitais, centros de lazer, esportivos, culturais). Para esta discussão, vamos considerar as condições gerais de produção como possibilidades de transformação do espaço de “mercadoria em potencial” em “mercadoria real”, ou seja, relacionam o processo imediato de produção ao conjunto da produção e circulação do capital, podendo ser na forma material ou imaterial, mas sempre em relação direta ou indireta.

A partir dessa compreensão, tomamos o recorte espacial do eixo oeste da RMBH, conformado por Contagem, Betim, Ibirité, Sarzedo, Mário Campos, São Joaquim de Bicas, Igarapé, Juatuba e Mateus Leme, que, como aventado por Lages (2020), é a espacialidade que mais intensificou a expansão metropolitana vinculada às atividades e trabalho industriais e suas novas configurações, bem como apresentou processos de parcelamento e ocupação do solo que refletem essa dinâmica de expansão, ainda que não vinculados aos modelos formais e, como sugere expressamente a autora, a boa conexão viária e a proximidade de outras centralidades regionais “resultam em reflexos da industrialização na estrutura urbana dos municípios localizados no extremo oeste da RMBH” (Lages, 2020, p. 26).

Tendo em vista os parâmetros de análise apresentados por Lages (2020), associamos os dados demográficos do Censo 2022 e os levantamentos preliminares das características regionais por nós compilados, e eis que alguns indícios de que pode estar em curso uma reestruturação do espaço na RMBH a partir do eixo oeste, que tem desde o início de sua conformação relação direta com o desenvolvimento urbano e produtivo de Belo Horizonte. Para Lages, devido às mudanças no processo produtivo, a industrialização no eixo oeste metropolitano, pautada inicialmente por um modelo de produção fordista, ao ser atingida pelas alterações que ocorreram em nível global, provocou alterações espaciais na RMBH levando em conta um relativo processo de descentralização dos estabelecimentos industriais dos centros produtivos consolidados. Dessa forma, ao se começar a estabelecer diferentes métodos para localização de indústrias, as dinâmicas espaciais do eixo oeste da RMBH se valeram tanto do conjunto dos meios de circulação que possuem relação direta com o processo de produção, quanto dos meios de consumo coletivo que possuem relação indireta com o processo de produção, realizando as condições gerais de produção como possibilidade para a reestruturação da região.

Se para Lages (2020), o número de lotes registrados na região nas últimas duas décadas, é elemento analítico para uma interpretação sobre a estruturação urbana do eixo (Figura 5), destacamos que o aumento da população nos municípios do eixo oeste vinculado ao de empresas criadas na última década, sugere um movimento de reestruturação do espaço. Em que sentido? Vejamos alguns argumentos a seguir.

Figura 5: Número de lotes registrados por município do eixo oeste da RMBH (1998-2018)

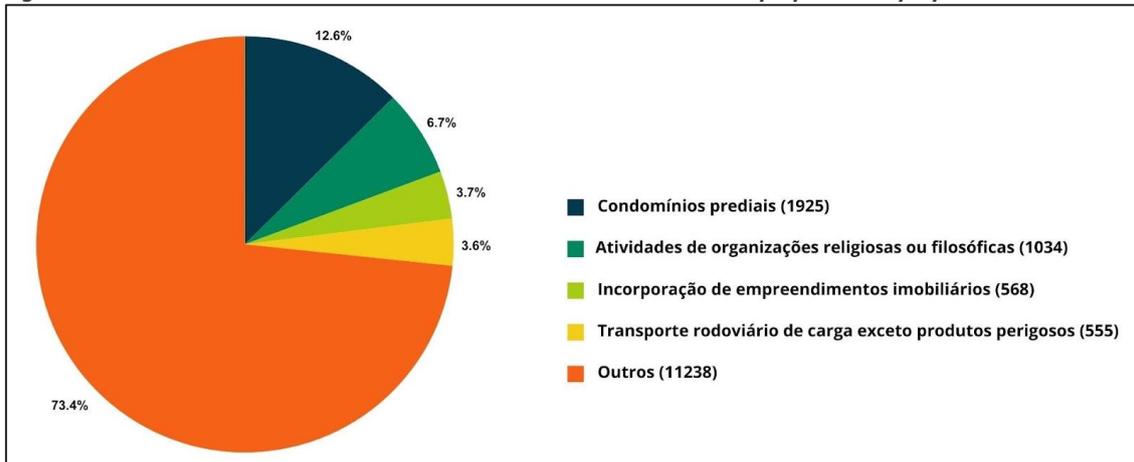


Fonte: Lages (2020). Elaboração: os autores.

Na busca pelos tipos de empresas criadas e suas características, a hipótese de reestruturação do espaço na RMBH ganhou mais proeminência. De 2010 a 2024, dos cinco grupos identificados de empresas abertas nos municípios do eixo oeste da RMBH (Figura 6), três possuem características que estão vinculadas às possibilidades de relacionar as condições gerais de produção do conjunto regional à reprodução do capital no âmbito da acumulação

ampliada. Corrobora-se, assim, para um fluxo de pensamento que não só explique o processo de estruturação urbana do eixo oeste da RMBH, mas também capture o movimento do processo de reestruturação do espaço como chave interpretativa para as dinâmicas territoriais e transformações metropolitanas.

Figura 6: CNAE de todos os CNPJ abertos no eixo oeste da RMBH entre 01/01/2010 e 24/06/2024



Nota: optamos por agrupar todos os demais códigos de CNAE encontrados na categoria outros, posto que juntos, se referem a 73,4% do total registrado, mas em seções apresentavam percentuais menores que 3%.
Fonte: EmpresasAqui (2024). Elaboração dos autores.

Na figura acima, chamamos atenção para o fato de que fora do grupo *outros*, que reúne uma diversidade genérica de atuação de empresas, a principal Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE) das empresas abertas no recorte escolhido é de *condomínio prediais*. Os grupos que reúnem as empresas de *incorporação de empreendimentos imobiliários* e de *transporte rodoviário de carga* também merecem destaque. Se a estruturação do eixo se deu com ênfase nas atividades econômicas voltadas à indústria, acrescentamos que há indícios de reestruturação, tendo em vista que o eixo se reorganiza na sua “relação entre o processo imediato de produção e o conjunto da produção e circulação do capital. Por assim dizer, a própria análise conduz à relação entre o particular e o geral” (Lencioni, 2007, p. 6). Logo, não há determinações estáticas e equilíbrios inabalados, o movimento socioespacial pressupõe ciclos de estruturação e reestruturação que dão sentido ao processo de produção do espaço.

Na década de 1940, bem antes da institucionalização da RMBH como arranjo administrativo e unidade de planejamento de Estado, o Eixo Industrial conurbando Belo Horizonte, Contagem e Betim, já apresentava tendência de consolidação. Vultosos projetos e recursos foram aplicados na região, um alto crescimento populacional acompanhou as desapropriações feitas pelo governo estadual para a formação da Cidade Industrial Juventino Dias, em Contagem. Os terrenos foram adquiridos por várias indústrias e, junto com a implementação da Rodovia Fernão Dias (BR-381) que liga Belo Horizonte à São Paulo, cortando Contagem, Betim, São Joaquim de Bicas e Igarapé, eles foram fatores responsáveis por atrair a instalação de empresas na região. As plantas industriais, os entroncamentos rodoviários, a formação de bairros operários e suas extensões periféricas, produziram uma paisagem urbana

emblemática ao período urbano-industrial, evidenciando o espaço como produto, meio e condição das relações sociais de produção. Além disso, na década de 1970, a instalação da fábrica Fiat Automóveis, em Betim, projeto capitaneado pelo poder público, atraiu ainda mais capital, mão de obra, serviços e confirmou a tendência de consolidação urbano-industrial da região. De 1989 a 1997, foram incluídos os demais municípios que conformam o atual eixo oeste da RMBH, todos fortemente afetados pelas dinâmicas territoriais assumidas pelo tradicional Eixo Industrial ao longo dos processos de estruturação urbana e de reestruturação do espaço metropolitano no tempo presente, mesmo que com descontinuidades evidentes que operam para o aprofundamento das desigualdades do desenvolvimento regional que tem nas condições gerais de produção não a causa destas, mas uma compreensão possível.

Outrossim, dado o exposto acima e o crescimento populacional verificado no eixo oeste da RMBH, é notável destacar que o conjunto dos seus municípios vem se tornando atrativo para os donos de empresas que buscam mão de obra, localização e condições de produção competitivas, assim como para os trabalhadores que buscam emprego, moradia e toda a sorte de serviços urbanos que tornam a vida nas cidades possível, além das demandas dos consumidores que, mediados por plataformas digitais de compras, alimentam uma trama imaterial do circuito comercial e a efetivação de uma rede material de distribuição das mercadorias na contemporaneidade. Certamente, a instalação do Centro de Distribuição da Amazon⁶, em Betim, em 2020, valida os argumentos em função da relação das condições gerais de produção e o processo de reestruturação no eixo oeste da RMBH.

Finalmente, ratificamos que as dinâmicas espaciais contemporâneas no eixo oeste da RMBH, vincula metropolização, reestruturação e comportamento demográfico (2010 a 2022) a compreensão sobre território, produção e sociedade no arranjo metropolitano de Minas Gerais. Em municípios menos populosos da região oeste da RMBH, as condições gerais de produção já aparecem como possibilidade de incremento populacional dada a dinâmica de produção no eixo tradicional que oferecem oportunidades e ofertas de emprego, integração territorial a partir das rodovias, permitindo a circulação de pessoas, mercadorias e informações para a porção regional na sua totalidade. As empresas abertas no eixo oeste da RMBH, entre 2010 e 2024, que possuem CNAE voltado aos condomínios prediais e incorporação de empreendimento imobiliário, que foram, respectivamente, o primeiro e o terceiro tipo de CNPJ mais cadastrado na região, podem estar se valendo dessas condições gerais de produção para garantir a reprodução do seu capital particular no contexto da acumulação do capital geral. Como nas palavras de Lencioni (2007):

Considerando-se que são, em geral, nas áreas metropolitanas que se adensam as condições gerais de produção voltadas para as indústrias de alta tecnologia e inovadoras (não importa aqui os limites administrativos da região metropolitana, estamos a falar do território de desconcentração metropolitana), podemos afirmar que vem se esboçando uma nova forma de desigualdade territorial, dada a densidade e aglomeração territorial dessas condições gerais. Essas, convém dizer, exigem, dentre tantos equipamentos e serviços que poderíamos nos referir, a concentração de trabalho intelectual e serviços voltados à gestão do capital.

Enquanto isso, outras parcelas do território se caracterizam pela presença de condições gerais de produção voltadas para as atividades tradicionais. (LENCIONI, 2007, p. 5).

Estamos falando de uma porção regional que já combinava fixos e fluxos de intensa dinâmica metropolitana e que, agora, apresenta indícios de maior ênfase nas atividades produtivas na RMBH, congregando novos conteúdos em uma área já consolidada pelas suas fortes características econômicas que seguiam firmemente a intenção de seu planejamento. A pesquisa demonstra que o caráter produtivo do eixo oeste da RMBH não está superado, mas que há uma reestruturação do espaço em função das condições gerais de produção que criam possibilidades para a reprodução do capital através do processo de produção e do conjunto da produção e da circulação do capital. O modo de produção, produz o espaço. O processo de metropolização o regionaliza. O movimento de reestruturação dá ritmo às transformações em curso e nexos aos momentos de realização da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora dividido em duas seções, o desafio deste trabalho é refletir sobre as dinâmicas espaciais contemporâneas e o desenvolvimento urbano em Minas Gerais. Se por um lado, buscamos enfatizar como o processo de metropolização estrutura regiões urbanas distintas e complementares no território mineiro; por outro lado, recorreremos ao conceito de condições gerais de produção para explicar como que uma porção do arranjo metropolitano apresenta indícios de reestruturação do espaço a partir da captura de momentos e movimentos que são tanto específicos quanto gerais do processo de reprodução do capital.

Nestas frases finais, reforçamos dois argumentos que consideramos conciliáveis ao nosso esforço analítico (que também vimos chamando na pesquisa de leitura do movimento espacial que se vincula ao ritmo de realização da própria sociedade, a saber: a produção e a reprodução de bens, de relações sociais, do espaço, do pensamento). O primeiro argumento pega carona na aventada premissa de que Minas Gerais é uma síntese do Brasil, pois seu território congrega elementos que encontram similaridade com aspectos econômicos, políticos, culturais e ambientais com as demais porções do território brasileiro com as quais, inclusive, faz limite. Aqui, não nos propomos nem a refutar, nem a consagrar tal premissa. Apenas defender que se há um caminho para a compreensão das dinâmicas espaciais de Minas Gerais, essa discussão, necessariamente, deve passar pela compreensão do desenvolvimento urbano no estado, posto que, hoje, não há realidade espacial que não seja parte da sociedade urbana. O segundo argumento dialoga com interpretações, ao nosso ver, equivocadas, quando da divulgação dos dados preliminares do Censo 2022, de que as metrópoles estariam se esvaziando, como se a perda de população no núcleo das maiores aglomerações metropolitanas brasileiras – Belo Horizonte, por exemplo – não permitisse uma leitura de novas dinâmicas espaciais para as regiões metropolitanas e avanços nos conteúdos do processo de metropolização.

Por fim, é de se lamentar que diante da inflexão do fenômeno urbano, antes virtual e agora extraordinariamente tangível, quer na sua materialidade, quer na sua imaterialidade, e de um acúmulo de experiências no campo do planejamento urbano e regional da burocracia administrativa de estado, o atual governo de Minas Gerais demonstre tamanha inépcia na gestão da metrópole, de sua região e das demais regiões urbanas mineiras. Essa crítica se torna pública, pois público também é o ataque que o governador Romeu Zema (Novo) desfere contra servidores, grupos opositores e populares, com teor que flerta com a xenofobia, o ódio de classe, o autoritarismo, a legitimação golpista. Nosso esforço de análise também marca uma posição política em defesa de uma agenda de governança qualificada, democrática e cidadã para a metrópole, sua região e demais regiões urbanas do estado de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

BRENNER, Neil. Teses sobre a urbanização. **E-metropolis**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles, n. 19, ano 5, 2014, p. 6-25.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

LAGES, Sofia Santos. **Industrialização, parcelamento do solo e metropolização: o processo de estruturação urbana recente do vetor oeste da RMBH**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LENCIONI, Sandra. Condições gerais de produção: um conceito a ser recuperado para a compreensão das desigualdades de desenvolvimento regional. **Scripta Nova**, v. 11, n. 245 (07), 2007.

LENCIONI, Sandra. Da cidade e sua região à cidade-região. In: SILVA, José Borzacchiello da; LIMA, Luiz Cruz; DIAS, Denise. **Panorama da geografia brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006.

LENCIONI, Sandra. **Metrópole, metropolização e regionalização**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

LENCIONI, Sandra. Restruturação: uma noção fundamental para o estudo das transformações e dinâmicas metropolitanas. 1997, **Anais...** Buenos Aires: Facultad de Filosofia y Letras/Universidad de Buenos Aires, 1997.

LENCIONI, Sandra. Urbanização difusa e a constituição de megarregiões. O caso de São Paulo-Rio de Janeiro. **Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 22, pp. 6-15, 2015.

SCOTT, Alain.; AGNEW, John.; SOJA, Edward; STORPER, Michael. (2001). Cidades-regiões globais. **Espaço e Debates**: aliança e competição entre cidades. São Paulo, n. 41, pp. 11-25.

SOJA, Edward. Para além de Postmetropolis. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.136-167, jan./jun. 2013.

NOTAS

¹ As discussões e resultados de pesquisa apresentados nesta seção compõem o projeto “Metrópole, metropolização e regiões urbanas em Minas Gerais”, contemplado pelo edital do Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-Contratados (ADRC), lançado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (PRPq/UFMG).

² As discussões e resultados de pesquisa apresentados nesta seção compõem o projeto “Reestruturação do espaço na Região Metropolitana de Belo Horizonte: processo e conceito para a análise do movimento socioespacial”, contemplado pelo edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC/FAPEMIG), lançado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (PRPq/UFMG).

³ Aqui trabalhamos a noção de reestruturação a partir de Lefebvre (2001) e Lencioni (1997). Os autores nos permitem considerar o movimento socioespacial como um processo fundamental na compreensão das transformações e dinâmicas metropolitanas. Assim, a dinâmica espacial contemporânea apresenta cada vez mais momentos e movimentos de descompassos, tensões e contradições imanentes da realização da própria sociedade.

⁴ Noção aqui trazida pela perspectiva de Lencioni (2006), para quem o crescimento econômico não se distribui de maneira uniforme, mas emerge de pontos estratégicos que têm a capacidade de dinamizar as regiões ao redor.

⁵ A busca foi feita usando a ferramenta digital EmpresAqui, que fez a pesquisa na base cadastral da Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil (RFB) no conjunto de dados específicos do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Foram feitos testes preliminares para confirmar a eficiência e eficácia da ferramenta e, tendo sido considerados satisfatórios os testes preliminares, ampliamos a pesquisa para todo o recorte territorial desejado. Ademais, é perfeitamente claro que, se o tempo e os recursos de pesquisa fossem mais vultosos, seriam empregados outros procedimentos de investigação que dessem ainda mais minúcia sobre as atividades econômicas e a natureza das empresas que se instalaram no território do eixo oeste da RMBH no tempo decorrido na análise.

⁶ A esse respeito recomendamos a leitura do trabalho de Coelho (2022), *O uso do território como recurso: a instalação do Centro de Distribuição da Amazon em Betim-MG*, apresentado ao Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para formação em Geografia. Disponível em: <https://catalogobiblioteca.ufmg.br/acervo/676526>. Acesso: 30 de nov. de 2024.